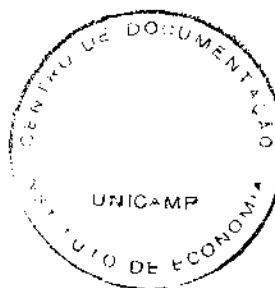


Economia

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ECONOMIA



MONOGRAFIA

"DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E URBANIZAÇÃO : ESTUDO DE CASO DO MUNICÍPIO
DE AMERICANA "

Patricia Patapoff

PATRÍCIA PATAPOFF

Barjas Negri

orientador: BARJAS NEGRI

Waldir Quadros

banca : WALDIR QUADROS

Waldir Quadros

"DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E URBANIZAÇÃO: ESTUDO DE CASO
DO MUNICÍPIO DE AMERICANA 1970/1985."

ÍNDICE

PARTE I : ABORDAGEM HISTÓRICA

I.1) As Origens da Vila dos Americanos.....	02
I.2) A Vocação Industrial do Município.....	05

PARTE II: DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO URBANO E SOCIAL

II.1) Desenvolvimento Econômico , urbano e Social no estado de São Paulo.....	11
II.2) Inserção do Município na dinâmica a Nível Regional- Período de análise até 1970.....	16
II.3) Breve caracterização do Desenvolvimento econô- mico na Região de Campinas (1970/1985).....	30
II.4) Inserção e Desenvolvimento do município de Americana na dinâmica Regional (1970/1985).....	34

PARTE III: URBANIZAÇÃO E DEMANDAS SOCIAIS NO MUNICÍPIO DE

AMERICANA 1970/1985.....	52
--------------------------	----

PARTE IV: BIBLIOGRAFIA.....	64
------------------------------------	-----------

PARTE 1: ABORDAGEM HISTÓRICA

1.1) AS ORIGENS DA VILA DOS AMERICANOS

A área em que hoje se localiza-se Americana era uma sesmaria da família Costa Machado. O governo português, com o intuito de povoar o interior do País concedia terras devolutas para seu desbravamento. O território localiza-se entre as terras de Nova Constituição (hoje Piracicaba) e São Carlos (hoje Campinas), e por muito tempo ficou abandonado, até que em 1865 parte das terras foi vendida ao Sr. Antonio Bueno Rangel e a outra parte a um grupo de imigrantes norte-americanos.

Nos Estados Unidos da América, terminada a Guerra de Secessão (1865), com a derrota dos sulistas escravocratas, a situação destes era difícil. O aspecto era de destruição econômica e de submissão política ao Norte dos Estados Unidos. Por esta época editava-se livros sobre o Brasil e muita propaganda foi feita nos jornais exaltando a emigração onde não se sofreria os horrores da reconstrução: o Brasil apresentava-se como um país de 9 milhões de habitantes, imensidão de terras boas, escravos ensinados e partido majoritário liberal, que possuía pontos de vistas similares aos dos sulistas. Como a emigração era facilitada, não demorou muito para que famílias inteiras se aventurassem para o Brasil, e um grupo de americanos veio para a sesmaria de Costa Machado, onde comprou parte das terras.

Com os americanos chegaram novas técnicas de cultivo para a região, o arado que trouxeram fez sucesso e seus modernos métodos agrícolas fizeram do local o lugar onde se ia aprender a plantar algodão.

Terras antes ociosas e improdutivas transformaram-se em território próspero o que fazia atrair mais emigrantes. As culturas de algodão e de melancia prosperavam. A melancia "cascavel da Geórgia" deu-se bem com o clima da região e juntamente com o cultivo de algodão sustentava a economia e o comércio do vilarejo na época.

Desta forma, consolidava-se uma economia agrícola, basicamente formada por pequenas propriedades. Porém não se constituía ainda em uma cidade. Eram fazendas isoladas uma das outras, sem um núcleo de povoação.

Para facilitar o escoamento da produção agrícola já próspera a Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais decidiu criar uma estação que pudesse servir as fazendas dos norte-americanos: A Estação de Santa Bárbara (nome este devido à cidade vizinha já constituída-Santa Bárbara D'Oeste).

O Capitão Inácio Corrêa Pacheco antevendo a importância desta estação ferroviária para as redondezas, compra parte das terras e as loteia, na área próxima à estação, para posteriormente vendê-las valorizadas.

É assim que se dá o aparecimento de um núcleo populacional, que futuramente viria a ser o município de Americana. O loteamento das terras propiciou a formação de um povoado; os trabalhadores da estação se fixaram neste povoado e começa a surgir o 1º centro de armazéns e lojas de armarinhos. A inauguração da Estação foi na data de

27.08.1875, com a presença do imperador D Pedro II e do Conde D'Eu. Os americanos que antes serviam-se do município de Santa Bárbara, passam a se servir do novo povoado, principalmente por causa da via férrea.

O núcleo tinha o nome de Estação de Santa Bárbara, mas com a proximidade dos Americanos e como a grande função da estação era escoar produtos agrícolas dos norte-americanos (melancias e algodão), a Vila passou a ser conhecida como "Vila dos Americanos".

Para os historiadores de Americana não há um consenso a respeito da fundação do município. Há um grupo que o coloca fundado pelos americanos pelo fato da estação ter sido instalada para servir ao escoamento da produção agrícola das fazendas de propriedade norte-americanas. Mas há uma segunda corrente, que consta nos livros oficiais de história do município, que diz que os americanos não empreenderam nenhum esforço prático para o surgimento do povoado, apenas instalaram-se em fazendas isoladas. Este "esforço prático" foi empreendido pelo Capitão Inácio Corrêa Pacheco, que com o loteamento de terras deu início ao povoado. Os americanos tem responsabilidade apenas no crescimento do aspecto econômico que originou o município.

Frente a isso, a data de inauguração da estação é considerada a data oficial de fundação do município: 25.08.1875.

Apesar da maior proximidade de Santa Bárbara D'Oeste, após a inauguração da Estação o contato com Campinas era mais fácil, enquanto para Santa Bárbara o transporte era feito apenas via tração animal. Em 30.07.1904 o Poder Executivo Estadual criou pela lei:1916 o Distrito de Paz de Vila Americana, pertencente ao município de Campinas.

A Vila Americana se desenvolve e chega na década de 20 com uma população de 4.500 habitantes e uma boa produção industrial. O

distrito já possuía seu Departamento de Correios e Telegrafos, seu jornal local, serviço policial, instalação elétrica, ensino oficial etc. Todos estes progressos trouxeram à população local o desejo de emancipação política e administrativa.

Em 12 de novembro de 1924, a Lei Estadual nº1.938 criou o município de Vila Americana, que mais tarde passou a denominar-se apenas Americana.

1.2) A VOCAÇÃO INDUSTRIAL DO MUNICÍPIO

A Vila dos Americanos nasce do progresso econômico da atividade agrícola, porém não seria a economia agrária que caracterizaria o município que começava a desenhar-se. A indústria é introduzida na economia local e firma-se como sua principal atividade econômica.

No contexto a expansão da Vila ao redor da estação já havia um certo grau de desenvolvimento. Inserido neste aspecto de desenvolvimento é que se pode analisar o nascimento da primeira indústria têxtil da Vila, que viria a ser a célula-mãe do parque industrial que hoje o município possui.

Por volta de 1880, distante 1 Km da Estação, na área da Fazenda Salto Grande, ao lado do Ribeirão Quilombo, Clement Willmont funda a primeira indústria, que mais tarde passou a se chamar Fábrica de Tecidos Carioba, que em tupi-guarani significa "Pano Branco".

Ao redor da indústria foram construídas casas para os operários, iniciando a conformação do bairro Carioba.

A firma entra em falência e no final do século passado é fechada, sendo comprada e reaberta em 1902 pela família Muller, que traz dinamismo e prosperidade à Vila dos Americanos.

A firma passa a se chamar Muller Carioba e adquire expressão. O bairro Carioba torna-se populoso e dotado de mais infra-estrutura que a própria Vila. Possuía, por exemplo energia elétrica muito antes da Vila dispor deste benefício. Era servido por Usina Hidroelétrica e pavimentação de asfalto. Carioba, torna-se um bairro de propriedade dos Muller, que pelos benefícios que desfrutava, tornou-se tão importante ou até mais que a própria Vila.

A firma produzia apenas tecidos de algodão e seu maquinário era constituído de equipamentos de origem inglesa e alemã. A família Muller inicia suas atividades em 1902 e duas décadas depois, a fábrica empregava cerca de 755 operários assim distribuídos: na seção de fiação, 300 operários na preparação de fios, 150 operários e na tinturaria 20. A tecelagem possuía mais de 500 teares e 250 operários; tudo isto fora o escritório, a carpintaria, a mecânica etc.

A produção média anual atingia a cifra de 7 milhões de metros de tecidos de ótima qualidade. Toda esta atividade industrial destacava-se a nível regional e estadual na década de 20.

O bairro de Carioba acompanhou a prosperidade da atividade industrial, passando a se assemelhar a uma cidade. Em 1926 já possuía 220 prédios construídos, entre habitações de operários, hotéis, farmácia, armazéns, clubes etc. As ruas devidamente pavimentadas e iluminadas.

Nas palavras de um autor da época "Toda vez que aparece a necessidade de apontar as riquezas de Vila Americana é logo lembrada a Fábrica de Tecidos Carioba, o orgulho da população local".

É claro que o crescimento não se estancou aí. Terminada a Primeira Guerra Mundial inicia-se a diversificação da produção têxtil, com a instalação de uma fábrica de fitas de seda e em 1924 inicia-se a produção de tecidos de seda.

Pela década de 20 inicia-se a atividade façonista, que se constitui de prestação de serviços à uma firma grande, que passa a fornecer matéria-prima a um pequeno produtor e depois pagar pelo serviço já pronto. Estes pequenos produtores adquirem um ou dois teares usados e passam a fabricar em suas próprias residências com mão de obra-familiar.

Cumprе ressaltar que o surgimento da atividade façonista no Brasil inicia-se no município de Vila Americana, atividade que se constitui muito importante para o desenvolvimento da economia local e é forma de trabalho dominante até recentemente.

Da Fábrica de tecidos Carioba saíram os primeiros tecelões que, com economias guardadas a algum tempo, adquiriram teares para pagamento a longo prazo, e os instalavam em comôdos feitos em suas próprias casas. O início do façonismo em Vila Americana consistia em prestar serviço aos Muller Carioba, recebendo destes a matéria prima (rolos e fios) e entregando tecidos. Trabalhava-se na própria residência e inicialmente apenas a família. Este sistema foi evoluindo, e os façonistas passaram a prestar serviços à indústrias da capital, e com o aumento da quantidade de serviço encomendada, passaram a contratar empregados, fazendo da facção uma caminho para verdadeiras firmas no futuro.

Ressalte-se o fato que este sistema guarda estas características originais até os dias atuais. As "fabriquetas de fundo de quintal" são comuns no município, assim como os anúncios "dá-se facção" no jornal local.

O sistema faconista é revestido de um caráter de grande instabilidade: as firmas grandes requisitam serviço faconista apenas quando o mercado está em expansão e elas próprias não conseguem atender a demanda de tecelagem de fios; porém quando há uma retração do mercado, tais firmas reservam o mercado para si próprias, cessando os pedidos aos faconistas. A atividade têxtil constitui-se no setor de bens de consumo não duráveis : bens de consumo salário, que crescem a reboque dos outros setores, já possuindo intrinsecamente o fator de dependência do crescimento dos outros setores para sua própria expansão. A atividade faconista é duplamente instável pois depende de contratos com firmas maiores que já possuem mercado próprio.

O número de faconistas aumentou grandemente a atividade têxtil no município, fazendo-o se destacar a nível regional e mesmo estadual; destaque este que passa por um processo de expansão com o surgimento dos fios artificiais na década de 40.

Em 1941, um grupo fundou a primeira Cooperativa Industrial de Tecidos de Rayon de Americana (CITRA): trabalhavam com fibras sintéticas, agrupando em um único local um número elevado de operários e máquinas.

A cidade passa a crescer, a construção civil amplia-se e as iniciativas particulares passam a se instalar. Em 1946 é constituída a indústria de teares Nardini, que produzia maquinário necessário a atividade têxtil, dando impulso à instalação de novas indústrias.

Os fios artificiais eram até esta época fornecidos pela capital. Em 1949 funda-se a primeira indústria de fiação sintética: a FIBRA que pertence ao grupo SNIA VISCOSA, com sede em Milão (Itália). A associação com o capital estrangeiro foi necessária para a aquisição de maquinário, tecnologia e matéria-prima.

Quanto a automatização que gerava obsolescência de máquinas, ocorria a substituição por novas máquinas e as antigas vendidas aos fezonistas, mostrando mais uma face das interligações entre feção e autônomo.

Com o aumento da população surgem problemas na infra-estrutura de serviços urbanos: água, energia elétrica e poluição, já no final da década de 40. O setor habitacional também já era problemático.

Desta forma Americana vai caminhando para ser um importante centro industrial. O município diferenciava-se no urbano, aumenta o número de prédios construídos, incorpora novas glebas urbanas à malha urbana. O espaço passa a ter de ser planejado para solucionar os problemas.

A malha urbana cresce e na década de 60 o município já contava com 405 indústrias e 12.000 operários para uma população total de 37.856 habitantes. O aumento de indústrias autônomas, aumenta o número de fezonistas, pois, como exposto, estas utilizam os fezonistas nos momentos de maior demanda..

Na década de 60 instala-se a Toyobo, altamente moderna. Muda-se o processo de produção, o grande capital passa a adentrar na economia local, requerendo maior infra-estrutura.

Nos anos 70, o município passa a se apresentar mais urbano. A população cresce e a taxa de urbanização já apresentava-se em 93.9%.

A instalação de indústrias novas e a expansão da rede faconista desenvolveu em uma cidade de grande incremento urbano. O aglomerado de 1880 descaracterizou-se. A expansão acelera-se tanto que atualmente observa-se a conurbação com o município vizinho de Santa Bárbara D'Oeste.

Reconstruída parcialmente a história do município, tentaremos demonstrar seu desenvolvimento econômico, urbano e social, bem como sua inserção na dinâmica regional.

PARTIE II : DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, URBANO E SOCIAL

II.1) DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO URBANO E SOCIAL

NO ESTADO DE SÃO PAULO

A presente seção tem por objeto de estudo correlacionar o desenvolvimento do município de Americana, com o desenvolvimento a nível regional. Cabe observar, que para tal é prioritário uma sumária reflexão sobre o processo de industrialização por que passou o estado de São Paulo e uma breve caracterização de seu processo de urbanização.

A industrialização capitalista deve ser entendida com o processo de constituição de forças especificamente capitalistas; ou seja, precisa haver dominância do capital industrial no processo global de acumulação. A industrialização no Brasil inicia-se quando o capitalismo a nível mundial já era dominante, por isso tardia. A indústria teve de nascer grande e descontínua. Mas para haver o nascimento do capital industrial e este se consolidar é necessário um certo desenvolvimento capitalista, uma economia mercantil, divisão de trabalho e força de trabalho.

No Brasil, a economia cafeeira gera estes pressupostos: massa de capital, mercado interno e força de trabalho. Este fato engendra as raízes da concentração industrial paulista no País.

Entre 1900 e 1933 é o momento do nascimento e consolidação do capital industrial. O "complexo Cafeeiro" (Conjunto articulado de atividades econômicas que se desenvolvem na reprodução ampliada da acumulação cafeeira) dá as bases de sustentação para o surgimento da atividade industrial em São Paulo.

O Estado de São Paulo assim, tem suas raízes de concentração industrial na atividade cafeeira. A agricultura paulista mostrava-se diversificada, propiciando o desenvolvimento da indústria. Os auge da acumulação cafeeira formaram uma relação de unidade com o processo de acumulação industrial, que crescia "pari passu" à acumulação cafeeira. Porém pós 1930 houve uma ruptura, com a grande crise mundial, o preço do café cai, e a própria atividade não consegue manter-se na liderança. A indústria passa a assumir a posição de comando no processo de acumulação de capital.

Entre 1933 e 1955 ocorre o processo de industrialização restringida, isto é, há a industrialização porque a dinâmica de acumulação está assentada na expansão industrial, mas não está implantado o setor de bens de produção que auto-determina o processo capitalista.

Com o Plano de Metas há uma mudança no padrão de acumulação. O setor de bens de capital e de bens de consumo durável assumem importância (principalmente em São Paulo), reforçando a concentração industrial no Estado de São Paulo. É neste pólo que se instala a indústria pesada e onde passam a se processar as decisões de investimento.

Este processo de industrialização proporciona uma lenta urbanização a partir da década de 20, que nas décadas posteriores acelera-se dramaticamente. Conforme os dados abaixo, o número de habitantes

do Estado cresce amplamente durante o período analisado; sendo que o grande "boom" se dá pós década de 50. O componente migratório tem grande peso neste crescimento, o que faz surgir mudanças nas cidades e principalmente na metrópole paulista: mudam os padrões de consumo e de vida, crescendo a massificação.

Quadro II.1

POPULAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO

EM MILHÕES DE HABITANTES

1.886	1,2
1.920	4,6
1.940	7,2
1.950	9,1
1.960	13,0
1.970	18,0
1.980	25,0

Fonte: Censos Demográficos FIBGE

Este grande crescimento populacional do estado de São Paulo dá-se de certa maneira concentrado na metrópole paulista, característica esta reforçada pelo crescimento industrial verificado durante o Plano de Metas. Porém no período do "milagre", há uma "descentralização" deste crescimento, principalmente para o interior paulista.

O processo de ocupação territorial do interior paulista seguiu as ferrovias do café. A acumulação do café, a agricultura diversificada e capitalizada sustentou bases próprias para o desenvolvimento da indústria. A industrialização interiorana é manifesta desde o

início da industrialização paulista. Este processo é reforçado na década de 70, no segundo ciclo de crescimento industrial, quando há preocupação governamental em adotar medidas de estímulo à descentralização da indústria da Metrópole paulista frente ao agravamento das condições urbanas, com que o Interior é beneficiado. Há um implante industrial interiorizado, auxiliado pelo Estado. Ganham mais expressão os ramos mais complexos, aproximando-se da estrutura industrial da metrópole. O crescimento do interior paulista é expressivo na década de 70 e já respondia por 20% da produção industrial nacional.

O Interior paulista, a partir da década de 70 passou a ser a segunda concentração industrial do País e com isto amplia-se a desconcentração espacial da indústria no estado de São Paulo. Cresce assim amplamente o emprego industrial e as atividades do setor terciário no Interior paulista .

O crescimento industrial não se deu de forma homogênea em todas as regiões. A região de Campinas (na qual se insere Americana), é a região onde o processo industrial atingiu maiores proporções .Em 1.980, a região de Campinas sozinha foi responsável por 15% do Produto Industrial do Estado de São Paulo, e esta participação , comparando com os outros estados da federação, só é menor que a do estado do Rio de Janeiro.

A época cafeeira dotou a região campineira de uma infra estrutura básica: Rede de transporte (ferrovia e posteriormente rodovia); serviços urbanos, cidades médias, serviços de comercialização , serviços sociais básicos e recursos advindos da acumulação cafeeira. Possuía uma agricultura diversificada e uma posição de proximidade da capital do estado. Estes fatores sustentam a base de desenvolvimento da

Região, e o processo industrial encontrou condições favoráveis para se expandir.

Os investimentos na região, principalmente na década de 70 em ramos mais complexos, conferem-lhe uma estrutura industrial quase tão diversificada quanto a da região metropolitana."

Este desenvolvimento industrial conforma-se de forma articulada com a expansão industrial de São Paulo, acompanhando "pari passu" o desenvolvimento econômico do Estado.

Em função de sua evolução econômica, populacional e urbana a região de Campinas foi capaz de engajar-se desde o início no movimento da industrialização pesada. No Plano de Metas, atraiu em escala considerável novas indústrias e foi beneficiada pelos investimentos no período do "milagre", quando obteve um desenvolvimento industrial mais intenso. Lado a lado com seu desenvolvimento industrial manteve uma agricultura diversificada e altamente capitalizada.

Acompanhando este desenvolvimento, a região gerou grande dinamismo na geração de empregos, atraindo grandes empresas industriais, de comércio e de serviços. Os fluxos migratórios se avolumam, fazendo "inchar" a população e passando a gerar graves problemas sociais, antes só denotados na metrópole paulista.

Neste contexto de evolução econômica, social e urbana a nível estadual e regional é que se insere o município de Americana. Caracterizar seu processo evolutivo, correlacionando com o ocorrido a nível regional (e ocasionalmente estadual) é o objetivo da próxima seção.

II.2) INSERÇÃO DO MUNICÍPIO NA DINÂMICA A NÍVEL REGIONAL

- PERÍODO DE ANÁLISE : ATÉ 1970 -

O município de Americana é pequeno territorialmente, sua área é de 102 km² e está situado entre os municípios de Limeira, Cosmópolis, Paulínia, Nova Odessa e Santa Bárbara D'Oeste com os quais faz limite. Pertence à região administrativa de Campinas, localizando-se no eixo São Paulo-Campinas-Limeira. Dista da capital 136 Km pela rodovia Anhanguera.

Este eixo, historicamente, foi um dos eixos de penetração e ocupação do Interior paulista, reforçado pela implantação da estrada de ferro. Americana, como a maioria dos municípios da região, surge de um povoado entorno da Estação ferroviária, conformada para o escoamento dos produtos agrícolas da região. Este eixo, organizou-se agro-industrialmente: café, algodão, cana-de-açúcar e indústrias de beneficiamento e atualmente apresentando-se como um caminho natural da expansão industrial do estado de São Paulo.

A região de Campinas é a mais desenvolvida e diversificada do Estado de São Paulo, respondendo por 10% do seu VTI. Americana marca presença por sua grande atividade têxtil. A agricultura no município é quase inexistente frente à sua área reduzida: a oeste da Via Anhanguera está ocupado pela zona urbana e a leste, a represa do rio Atibaia atrai atividades turísticas e de lazer.

O algodão, que foi a origem da atividade industrial do município perdeu toda a significação. Atualmente a produção não passa de 4.000 arrobas. A indústria têxtil local recebe algodão do oeste paulista, através da rede viária: estradas de ferro e rodovias que convergem sobre o eixo São Paulo-Campinas-Limeira.

Quanto à matéria-prima, frente ao desenvolvimentos dos fios artificiais, diminui já antes da década de 70 a importância do algodão para a indústria têxtil. Em 1.949, com a fundação da FIBRA, Americana marca sua entrada na produção de fios artificiais. Esta empresa passa a fornecer matéria-prima em grande quantidade, o que suscita a expansão da tecelagem artificial, bem como a instalação de novas empresas que produzem fios artificiais.

Por outro lado, frente à grande produção das tecelagens são atraídas para o município as atividades de fabricação de vestuário e de artefatos de tecidos..

Quadro II.2 - Estrutura Industrial de Americana - 1960

RAMOS	Nº ESTAB	%	Nº OPER	%	VAL PROD	%	VTI	%
Têxtil	193	75,4	5.022	84,6	2407710	81,2	1158383	82,0
Química	3	1,2	333	5,6	265609	9,0	116513	8,2
Mecânica	5	2,0	305	5,1	107975	3,6	74156	5,2
Outros	55	21,4	278	4,7	182740	6,2	642666	4,6
Total	256	100,0	5.938	100,0	2964034	100	1413318	100,0

Fonte: Censo Industrial FIBGE - 1960

Quadro II.3 - Estrutura Industrial de Americana - 1970

RAMOS	Nº EST	%	Nº OPER	%	VAL PRODU	%	VTI	%
Têxtil	553	77,8	9.252	84,1	345.376	88,7	159.869	86,7
Mecânica	22	3,1	556	5,0	12.345	3,2	7.886	4,2
Vest Tec	25	3,5	156	1,4	5.600	1,4	2.753	1,5
Outros	111	15,6	1.029	9,5	26.139	6,7	13.920	7,6
Total	711	100,0	10.993	100,0	389.460	100,0	184.348	100,00

Fonte: Censo Industrial FIBGE - 1970

A estrutura Industrial do município em 1960 (vide quadro) é conformada basicamente pelo setor têxtil. 82,0% do Valor de Transformação Industrial do município é decorrente do setor. O ramo de química, que respondia por 8,2% do VTI, tem seu surgimento ligado ao setor têxtil, à fabricação de fibras artificiais.

Em 1970, o Censo Industrial não faz menção ao ramo químico. Isto deve-se ao fato da metodologia diferenciada utilizada no censo de 1970, incorporando as indústrias de fibras sintéticas no próprio setor têxtil. Desta forma o ramo químico "desaparece" da conformação industrial e o Valor da Transformação Industrial têxtil quase chega aos 90% do VTI total do município.

A pouca diversificação industrial ocorrida até 1970 é sempre voltada para atender o próprio ramo têxtil que prepondera indiscutivelmente. No ramo químico, pela fabricação de fios artificiais e insumos para a fiação e tecelagem; no ramo de mecânica conforma-se por firmas que produzem maquinário têxtil; e no ramo de vestuário e artefatos de tecidos pela proximidade de sua matéria prima básica: os tecidos.

Ocorre, a nível municipal, um processo de integração mais ampla do processo de produção da atividade têxtil, com estímulos para trás (insumos e maquinaria) e para frente (indústrias de artefatos de tecidos e grande comércio atacadista de tecidos).

O setor têxtil, preponderava assim, de todas as formas, pelo menos até o início da década de 70.

A atividade teve sua origem com uma história peculiar, como já exposto na seção anterior. O sistema de trabalho dominante é o fezonismo, que consiste basicamente em prestação de serviços.

O sistema de feição, funciona como um trabalho intermitente. Nos períodos de retração do mercado as empresas maiores cortam os contratos com os feionistas, reservando a prioridade do serviço para si. Por outro lado, nas épocas de ascensão, algumas firmas feionistas tornam-se autônomas, conseguindo para si um lugar no mercado. A difusão do feionismo fez com que surgissem pequenas tecelagens, bem como atividades complementares: preparação de fio e tingimento, preparação de matéria-prima e estampagem (acabamento de tecidos).

Até o limiar dos anos 70 todo o município dependia economicamente, quase que exclusivamente do setor têxtil. Em 1960 o setor empregava 5.000 operários diretos e em 1970 mais de 9.000, sempre correspondendo a mais de 80% do operariado local. Em outras palavras, de cada 5 operários 4 dependiam diretamente do setor.

De cada 4 estabelecimentos, 3 eram estabelecimentos têxteis. Este número relativamente alto de estabelecimentos têxteis deve-se ao fato do grande número de pequenos feionistas, e mesmo frente ao grande número de pequenas empresas autônomas. Mas o que verdadeiramente nos mostra a preponderância do setor é a participação no Valor da produção: Na década de 50 representava 80% da produção industrial do município e em 1970 a participação quase alcança os 90%.

Quadro II.4 - Indústria de Transformação Americana

ANOS	Nº ESTAB	Nº OPERAR	VAL PRODUÇÃO	VTI	/
1940	100	2.414	40.078		/
1950	187	4.521	261.342		/
1956	353	6.767	1.607.238		/
1960	257	5.939	2.964.359	1.413.642	/
1970	711	10.993	389.460	104.348	/
1975	833	19.387	4.030.397	1.679.798	/
1980	789	23.035	52.620.997	2.189.041	/

Fonte: Censos Industriais FIBGE

VP e VTI a preços correntes (não deflacionados).

Quadro II.5 - Indústria Têxtil Americana

	1954	1960	1970	1975	1980
NE	267	193	553	596	553
ND	5.735	5.022	9.252	12.945	13.741
VP	1.285.036	2.407.710	345.476	1.815.400	24.400.681
VTI		1.158.383	159.869	656.616	10.504.582

Fonte: Censos Industriais FIBGE

Quadro II.6 - % da Indústria Têxtil no total do município

	1956	1960	1970	1975	1980	/
NE	75,6	75,1	77,8	71,5	70,1	/
NO	84,7	84,6	84,2	63,7	59,7	/
VP	79,9	81,2	88,7	45,0	46,4	/
UTI		82,0	86,7	39,1	48,0	/

Fonte: Censos Industriais FIBGE

Quadro II.7 - % da indústria Têxtil local sobre a indústria têxtil da região.

	1956	1960	1970	1975	1980	/
NE	50,8	42,7	53,4	53,6	50,8	/
NO	24,4	23,6	32,2	35,5	34,1	/
VP	25,1	24,2	38,7	36,1	36,3	/
UTI		25,3	40,1	36,9	37,7	/

Fonte: Censos Industriais FIBGE

Quanto aos operários empregados na indústria de transformação, 84% exerciam funções no setor têxtil. Em 1970 representavam quase 11.000 empregos diretos em fiação e tecelagem, para uma população total de 66.316 habitantes; isto equivale a dizer que em 70, de cada 10 habitantes do município, 2 eram operários na indústria têxtil.

A importância do setor sobressai-se a nível regional e mesmo nacional. Em 1956, 25% da produção da região de Campinas era produzido localmente e, no ranking nacional, o município posicionava-se em sexto lugar no valor da produção têxtil, perdendo no estado de São Paulo, apenas para a cidade de São Paulo e de Sorocaba.

Sua importância a nível regional cresce, e em 1970 quase 40% do valor da produção têxtil regional era local. Americana cresceu mais que a região no setor, por isso o crescimento desse percentual. A região de Campinas já diferenciava sua estrutura industrial em setores mais complexos, dirigindo seus novos investimentos para outros setores.

Para provar a tese que indústria de transformação e indústria têxtil no município eram aproximadamente sinônimos, a taxa de crescimento real entre 60/70 foi 11,8% a.a. para ambas, evidenciando claramente que o setor comandava o processo de expansão industrial na cidade.

Há um vigoroso crescimento na década, sendo que o valor da transformação industrial cresce mais que proporcionalmente que o número de estabelecimentos, indicando um maior valor agregado por estabelecimento, isto é um crescimento no tamanho das empresas.

Quadro II.8 - Taxas de Crescimento Real - 60/70

Americana

	<i>Indústria de</i>	<i>indústria</i>	
	<i>Transf- Total</i>	<i>Têxtil</i>	
			<i>/</i>
NE	9,7	10,0	<i>/</i>
NO	5,8	5,7	<i>/</i>
VP	11,8	11,8	<i>/</i>
VTI	17,3	11,4	<i>/</i>
			<i>/</i>

Fonte: Censos Industriais FIBGE

Deflator Índice de preços por Atacado

Americana , na década de 70, tem um grande crescimento industrial , com seu VTI crescendo a 17,3% a.a., todo este crescimento foi acompanhado, por um grande crescimento populacional, e principalmente urbano. Diferencia-se o município, com altas taxas de crescimento populacional e principalmente diferencia-se seu contexto urbano, chegando em 1980 a uma taxa de urbanização de 99,8%.

Entre 1940 e 1970 a população rural cai pela metade e o população urbana cresce cinco vezes. O município chega a 1970 com quase 70.000 habitantes, apesar de sua pequena área territorial. Isto o coloca entre os grandes municípios da região.

Quadro II.9 - População de Americana

Anos	Total	Urbana	Rural	Tx urban	Dens demogr	
				%	Hab/Km2	/
1940	13.503	6.894	6.609	51,1	132,4	/
1950	21.415	14.757	6.658	68,9	210,0	/
1960	37.856	32.000	5.856	84,5	371,1	/
1970	66.316	62.329	3.987	93,9	650,2	/
1980	122.004	121.743	261	99,8	1.196,1	/

Fonte: Censos Demográficos FIBGE

A taxa de urbanização cresce aceleradamente de 51,1% em 1940 para mais de 90% em 1970; isto antes mesmo de haver o grande "boom" populacional e econômico na década de 70.

Quadro II.10- Taxa de crescimento populacional (total)

	40/50	50/60	60/70	70/80 (
Americana	4,7	5,7	5,8	6,3 (
Reg Campinas	0,8	3,4	3,6	4,4 (

Fonte: Censos Demográficos FIBGE e Fundação SEADE

As taxas de crescimento populacional do município foram sempre superiores às da Região de Campinas, passando a partir da década de 50, a ter um crescimento próximo a 6%a.a., quase o dobro da Região.

Americana, desta forma cresce, em ritmo mais acelerado que a região em que se insere; e como sua área territorial é reduzida a cidade enfrenta hoje um problema: como e para onde crescer?

O urbano cresce e se diferencia, fazendo decrescer a população rural. Entre 50/60, a população rural decresceu em 1,3%a.a. enquanto a população urbana crescia a taxa de 8% a.a. Entre 60/70 este decréscimo chega a quase 4%a.a. da população rural

*Quadro II.11 - Taxa de crescimento Populacional
Americana*

	40/50	50/60	60/70	70/80	
					/
Urbano	7,9	8,0	6,9	6,9	/
Rural	0,1	-1,3	-3,8	-23,9	/
Total	4,7	5,9	5,8	6,3	/

Fonte: Censos Demográficos FIBGE

A População Economicamente Ativa (PEA) distribui-se segundo a tabela abaixo . Comparando-a com a estrutura setorial de emprego da região de Campinas nota-se a grande diferença no setor primário. Em Americana o setor agrícola é quase inexistente desde a década de 50, já para a Região de Campinas como um todo que possui uma boa agricultura diversificada e capitalizada, o setor primário ainda possui grande destaque.

Quadro II.12 - PEA, segundo os ramos de atividade
Americana

setor	1950		1970		/
	NA	%	NA	%	
Primário	1.211	7,4	1.022	2,01	
Secundário	6.341	39,0	16.402	32,21	
Terciário	8.719	53,6	33.575	65,81	
Total	16.271	100,0	50.999	100,01	

Fonte: Censos Demográficos FIBGE

Quadro II.13 - PEA - Região de Campinas

	1950	1960	1970	/
Primário	42	33	20	/
Secundário	25	23	31	/
Terciário	33	44	48	/
Total	100	100	100	/

Fonte: Censos Demográficos FIBGE

O grande crescimento do setor terciário está diretamente ligado ao aumento dos empregos diretos na atividade industrial, que se desdobram em inúmeras atividades terciárias: comércio, transporte, administração, prestação de serviços, bancos, escolas, saúde etc.

II.3) BREVE CARACTERIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL NA REGIÃO DE CAMPINAS.

1970/1985

Os anos 70 representam o aprofundamento do processo de interiorização da indústria de São Paulo. Os segmentos mais complexos adquirem maior importância e conforma-se um estrutura industrial próxima à da metrópole paulista. O interior de São Paulo sozinho (Estado menos a Região Metropolitana de São Paulo), passa a concentrar um quinto da produção industrial brasileira, constituindo-se na segunda maior concentração industrial brasileira.

O interior paulista chega em 1980 com uma indústria moderna e diversificada, concentrando 62,7% da indústria paulista de alimentos, 60,4% da indústria química e 40,3% da indústria têxtil.

Toda esta transformação foi mais fortemente sentida na Região de Campinas, o que a fez a Região mais desenvolvida no interior paulista, abrigando setores de grande complexidade, também liderando a produção interiorana em ramos tradicionais como têxtil e alimentos. Em 1980 concentrava-se na Região de Campinas 15% da produção industrial do estado de São Paulo.

Todo este crescimento industrial do interior faz aumentar o ritmo de crescimento do emprego industrial. Entre 1970 e 1975 o interior era responsável por 36,9% dos novos empregos criados no estado de São Paulo, e entre 1975/1980 por 51,3%.

Quadro II.14

**CRIAÇÃO DE NOVOS EMPREGOS NA INDÚSTRIA DE
TRANSFORMAÇÃO**

	70/75	75/80
Est. São Paulo	100,0	100,00
R. Metrop. S.P	63,1	48,7
Interior	36,9	51,3

Fonte: FIBGE

Ref. Negri, B., *A interiorização da Industrialização Paulista, 1920-1980.*

Nos anos 70 criam-se 237,8 mil novos empregos, explodindo o crescimento urbano no interior, concentrado principalmente nas Regiões de Campinas, Vale do Paraíba e Sorocaba.

A Região de Campinas coloca-se na dianteira deste crescimento, concentrando quase 1/5 dos novos empregos, 37% do total dos empregos criados no interior no setor secundário e 30% dos do setor terciário ficaram na Região Campineira.

Em 1970 cinco municípios da Região já ultrapassavam os 50.000 hab. e em 1980 vários já superavam os 100.000 hab. Americana em 1970 tinha 66.316 hab. e em 1980 122.004 hab., colocando-se entre os grandes municípios da Região.

Neste aumento de concentração industrial e dos empregos urbanos, articulam-se urbanização e industrialização. O urbano no interior paulista e mais precisamente na Região de Campinas cresce e se diferencia. Deslocam-se para a Região importantes indústrias de auto-peças, mecânica e de material elétrico.

Entre 1980 e 1985 o país passa por uma fase de profunda crise econômica agravada pela deteriorização do padrão de financiamento internacional. A crise manifesta-se principalmente na indústria de transformação, dando mostras claras de desaceleração da economia, processo este só em parte revertido no final de 1984 frente ao aumento de exportações.

Cai o nível de utilização da capacidade, e o pessoal ocupado. Observa-se que nesta crise aprofunda-se ainda mais o crescimento do interior paulista em relação a metrópole. Enquanto a Região metropolitana diminui em 144.000 seus postos de trabalho entre 1980/1985, o interior aumentou-os em 87.600 seus postos de trabalho.

Todo este processo configurativo de mudanças no interior paulista acarreta maior ritmo de processo de urbanização.

Fazem-se presentes novas demandas de serviços e novas exigências em transportes e comercialização. O terciário amplia-se e a Região de Campinas passa a contar com grandes cadeias de lojas, bancos, supermercados.

O comércio na Região moderniza-se. Campinas passa a ser a terceira praça de movimentação bancária do país e a possuir um complexo hospitalar que se expande e adquire tradição em ensino e pesquisa.

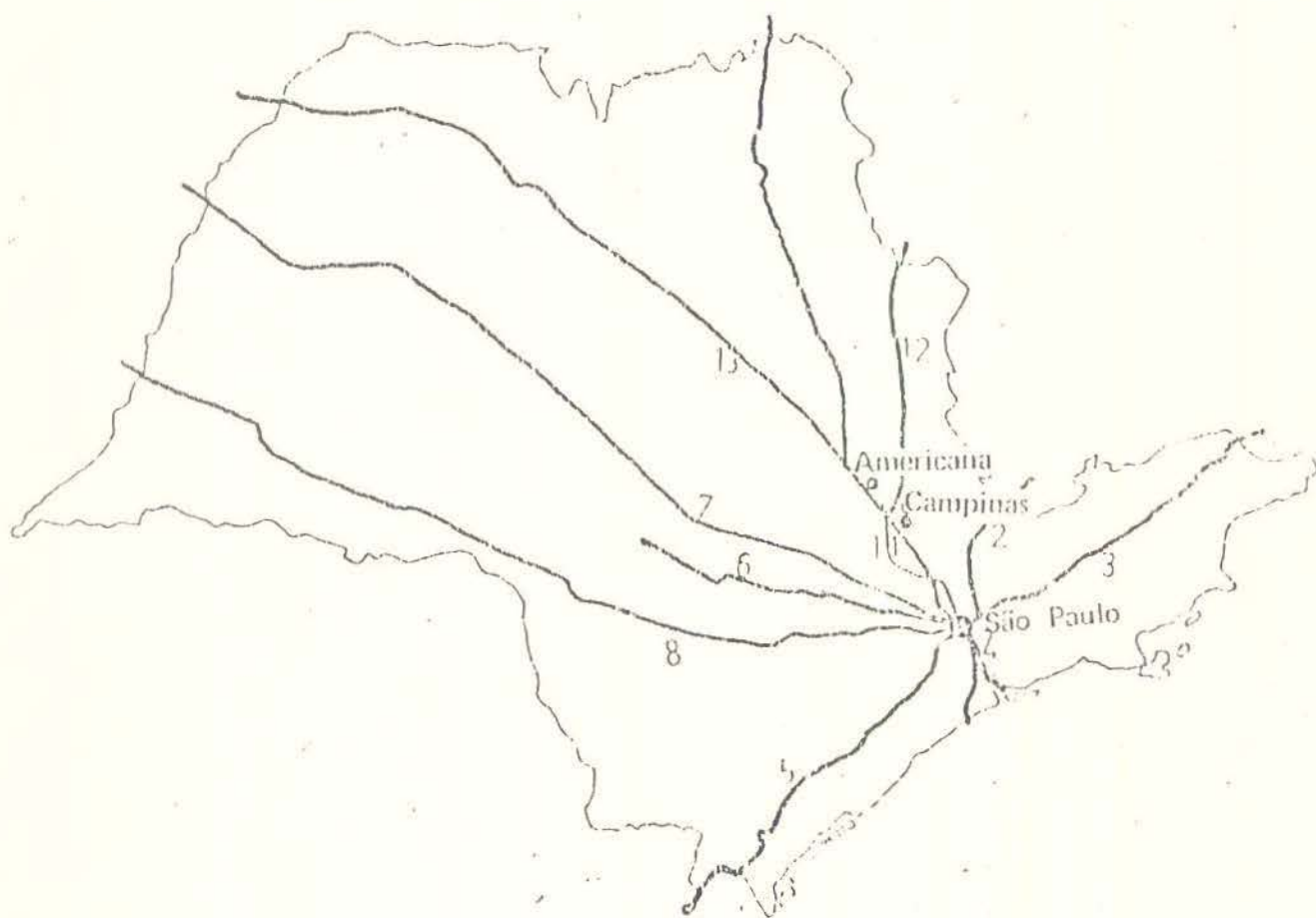
A Região de Campinas, consolida-se desta forma, como o mais importante espaço econômico do interior do estado. Pode-se colocar alguns fatores que levaram a Região a chegar a esta posição. Em primeiro lugar podemos citar sua posição estratégica no sistema de transporte (ferroviário e rodoviário), e o fato de ser polo intermediário nas relações interior-capital. Mas colocamos como fundamental toda sua

trajetória histórica de desenvolvimento econômico assentada na acumulação cafeeira.

O município de Americana localiza-se assim ,em uma Região de intensa industrialização e de grande concentração urbana ,que é a Região de Campinas.

O fato do município estar localizado em ponto estratégico de linhas de transporte é de grande importância. No decorrer do tempo as indústrias acompanham as linhas de transporte: Via Anchieta (1947, Santos), Via Anhanguera (1947, São Paulo-Campinas) e Via Dutra (1948, São Paulo- Rio de Janeiro)

Ao longo da Via Anhanguera (que corta o município de Americana) - vide gráfico 1 - e mais recentemente ao longo da Bandeirantes articula-se uma área altamente urbanizada, com extensa aglomeração urbana e industrial.



Eixo rodoviário do Estado de São Paulo

- 1 - Anhanguera
- 1.1 - Anhanguera
- 1.2 - Mogiana
- 1.3 - Washington Luís
- 2 - Fernão Dias
- 3 - Dutra
- 4 - Anchieta - Imigrantes
- 5 - Régis Bittencourt
- 6 - Castelo Branco
- 7 - Marechal Rondon
- 8 - Rápido Lacerda

II.4) INSERÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE AMERICANA
NA DINÂMICA A NÍVEL REGIONAL
1970/1985

A década de 70 é marcada pelo "boom" de crescimento econômico a nível nacional. O "Milagre Econômico" conformado pelas boas condições internas e internacionais, trouxe ares de prosperidade ao país. A indústria deslança, o setor automobilístico firma-se, os bens de consumo duráveis passam a fazer parte do dia-a-dia.

Americana não ficou fora disso, acompanhando o ciclo de ascensão econômica do país, cresceu, diferenciou sua indústria e confirmou-se como uma cidade industrial tipicamente urbana.

Os anos 70 representam mudança radical na estrutura industrial de Campinas. Os ramos complexos adquirem maior importância e os setores tradicionais perdem posição. Há um aprofundamento do processo de industrialização, um salto tecnológico e um processo de internacionalização da economia.

Deslocam-se para a Região de Campinas, importantes indústrias. Cresce o setor secundário, o que provoca importantes mudanças no setor terciário e a agricultura da região torna-se ainda mais capitalizada.

A Região atrai forte fluxo migratório e ao longo da Via anhanguera induz-se uma nova e acelerada urbanização.

O município de Americana passa a projetar-se na Região, principalmente devido ao seu parque industrial têxtil. A Região de Campinas em 1980 concentra 21% da produção têxtil estadual, em grande parte ao parque têxtil Americanense.

Outro ramo que se fortalece no município é a indústria mecânica, principalmente com os investimentos da indústria Nardini, grupo nacional ligado a produção de equipamentos agrícolas, máquinas ferramentas e teares que suprem a demanda do próprio município.

A preocupação governamental em "trazer" o progresso para o município era grande e em 1971 pela lei municipal nº 1148/71 foi criado o Distrito Industrial de Americana, com uma área de 5.100 hectares e que atualmente encontra-se com uma taxa de ocupação territorial perto dos 80%.

Com o desenvolvimento e crescimento vivenciado no município, no início dos anos 70, a estrutura industrial do município diferenciase: o setor têxtil deixa de ser o fator único na composição do Valor de Transformação Industrial.

Entre 1970 e 1975 a composição de sua indústria altera-se: A indústria têxtil reduz sua participação no VTI de 86,7% para 39,1%. Outros setores adquirem maior importância sem que a indústria têxtil tenha declinado sua produção, evidenciando a diferenciação por que passa o município. O peso do valor agregado do setor têxtil na composição industrial do município diminui, porém permanece a mesmo na composição industrial da região.

O setor de Borracha passa a ocupar 20% do VTI e isto se deve principalmente ao implante em 1972 de uma subsidiária da Goodyear, que produz pneus e acessórios de borracha para veículos automotores.

Quadro II.15

ESTRUTURA INDUSTRIAL DO MUNICÍPIO DE AMERICANA

1975

RAMOS	NE	%	NO	%	VP	%	VTI	%
Têxtil	596	71,5	12345	63,7	1815400	45,0	656616	39,1
Borracha	4	0,5	699	3,6	760558	18,9	341159	20,3
Química	11	1,3	1273	6,6	662183	16,4	335863	20,0
Mecânica	37	4,4	2033	10,5	411048	10,2	197288	11,7
Outros	185	22,3	3037	15,6	381208	9,5	148872	8,9
TOTAL	833	100,0	19387	100,0	4030397	100,0	1679790	100,0

Fonte: Censo Industrial FIBGE, 1975

Quadro II.16

ESTRUTURA INDUSTRIAL DO MUNICIPIO DE AMERICANA

1980

RAMOS	NE	%	NO	%	UF	%	VTI	
Têxtil	553	70,1	13471	59,7	24400681	46,4	10504582	48,0
Química	9	1,1	1499	6,5	9694179	18,4	3282456	15,0
Borracha	2	0,2	1196	5,2	8709746	16,5	2599852	11,9
Mecânica	38	4,9	2424	10,5	4150917	7,9	2492229	11,4
Outros	187	23,7	4175	18,1	5665474	10,8	3018922	13,7
TOTAL	789	100,0	23035	100,0	52620997	100,0	21898041	100,0

Fonte: Censo Industrial FIBGE, 1980

O setor de química que no Censo de 1975 é desdobrado, mostra o crescimento do setor de fios sintéticos e de produtos químicos para sua confecção.

O setor de máquinas e ferramentas, passa a consolidar seu espaço no município, empregando mais de 3.000 operários em 1975 e concentrando mais de 10% do Valor de Transformação Industrial.

A metodologia usada no censo de 1970 incorporou as indústrias produtoras de fios sintéticos e similares no ramo têxtil, porém mesmo com este aspecto de inclusão, a participação da indústria têxtil no município entre 1970/1975 e mesmo entre 1970/1980 cai, devido a grande diversificação industrial ocorrida.

É importante frisar que o setor têxtil não diminuiu sua produção. Sua participação local na indústria têxtil da Região de 1970 para 1975 continua praticamente a mesma (40% e 37% respectivamente); o que significa que o setor não diminuiu, mas sim que os outros setores cresceram a uma proporção maior.

Em 1980 a estrutura industrial é relativamente parecida com a de 1975. Consolida-se a diferenciação industrial com a presença forte dos setores de química, borracha e mecânica, porém sempre com a liderança incontestável do setor têxtil.

Os fios sintéticos e seus componentes e derivados químicos, abrigados no setor químico crescem de proporção, chegando aos 20% do VTI municipal.

O final dos anos 70 é marcado pelo início de uma recessão que se aprofundaria no início dos anos 80. A atividade industrial desacelera e se retrai a diferenciação da estrutura industrial do muni-

cípio. O setor têxtil volta a tomar uma grande liderança, frente ao seu maior dinamismo local.

A predominância do setor têxtil, leva-nos a destacá-la em nossa análise.

INDÚSTRIA TÊXTIL EM AMERICANA

A atividade têxtil do estado de São Paulo concentra-se na capital e em alguns municípios do estado; entre esses Americana destaca-se não apenas em relação ao VTI mas também pelo número elevado de estabelecimentos e de pessoal ocupado no setor. Em parte este destaque é explicado por constituir um centro industrial onde a automatização ainda não se completou, caracterizando-se pelas pequenas indústrias que em média comportam dez operários, ao contrário dos estabelecimentos na capital, onde se concentram os maiores estabelecimentos têxteis do país. Esta caracterização não exclui o fato do município comportar também grandes indústrias têxteis, como a Toyobo, Santista etc.

O ramo têxtil pode ser caracterizado de maneira geral em algumas etapas: tecelagem, fiação e acabamento. O montante de investimento exigido em cada uma das etapas é mais significativo nas duas últimas fases. A tecelagem isolada requer um menor investimento. Isto, em parte, pode justificar o número elevado de tecelagens em Americana, variando entre pequenas e médias empresas, e apenas algumas grandes unidades de fiação e acabamento.

Como o ramo têxtil pode ser desenvolvido em unidades separadas, há possibilidades de que estas se espalhem pela malha urbana, sem haver uma interdependência direta entre as mesmas.

A atividade têxtil americanense apresenta no conjunto, todas as fases do processo, embora predomine a tecelagem, destacando-se nestas de faconistas.

Os estabelecimentos de fiação e acabamento caracterizam-se pela linha de produção própria, basicamente grandes indústrias, ao contrário das fações, que em sua maioria, possuem no máximo 5 operários por unidade.

Mediante estas considerações, ficam evidentes as diferenças na composição do ramo têxtil do município; acrescentamos ainda, que também as matérias-primas, os produtos, e o próprio mercado consumidor, constituem importantes elementos diferenciadores.

As tecelagens faconistas, se caracterizam pela produção de tecidos artificiais e sintéticos, em especial rayon, nylon e políester. Já as indústrias autônomas e mistas não diferem muito entre si, porém destacam-se das fações, por sua produção mais diversificada, abrangendo também os fios naturais. A diferença maior entretanto, é decorrente da qualidade do produto industrializado, que até certo ponto é decorrente da qualidade do maquinário, geralmente mais antigo nas faconistas.

A grande maioria dos funcionários localizam-se na tecelagem (cerca de 74%), sendo que a fiação por constituir-se em etapas mais avançadas e mais automatizadas, possui um percentual menor de funcionários, bem como o setor de beneficiamento do algodão.

As fações são a maioria em número de estabelecimentos, e trazem junto de si um componente forte de instabilidade: possuem obsolescência das máquinas, "cortes" inesperados da produção, falta de crédito para ampliação e modernização, falta de recursos para adequação dos prédios, aluguéis elevados etc.

Americana concentra uma atividade têxtil essencialmente heterogênea em muitos sentidos, inclusive em termos espaciais. As grandes indústrias, em sua maioria estão instaladas fora do perímetro urbano, ou em bairros afastados, já as fações, estão localizadas por toda a cidade e mesmo no centro comercial, pois qualquer "fundo de quintal" é um espaço para o funcionamento de uma fiação. A Prefeitura Municipal de Americana, tem tentado, através de seu Plano Diretor, estabelecer parâmetros para a ocupação industrial do município.

As linhas de produção são diferenciadas, existem estabelecimentos que só possuem teares, estando assim submetidos a grande dependência, não apenas em relação a matéria-prima, mas também em relação à preparação dos fios. Existem aqueles que, além de possuírem teares também dispõem de espoladeiras, que se destinam a preparar parte da matéria-prima (a trama), mas ainda dependem das firmas que fornecem o urdume (fios já preparados, colocados paralelamente ao comprimento, preparados para passar a trama).

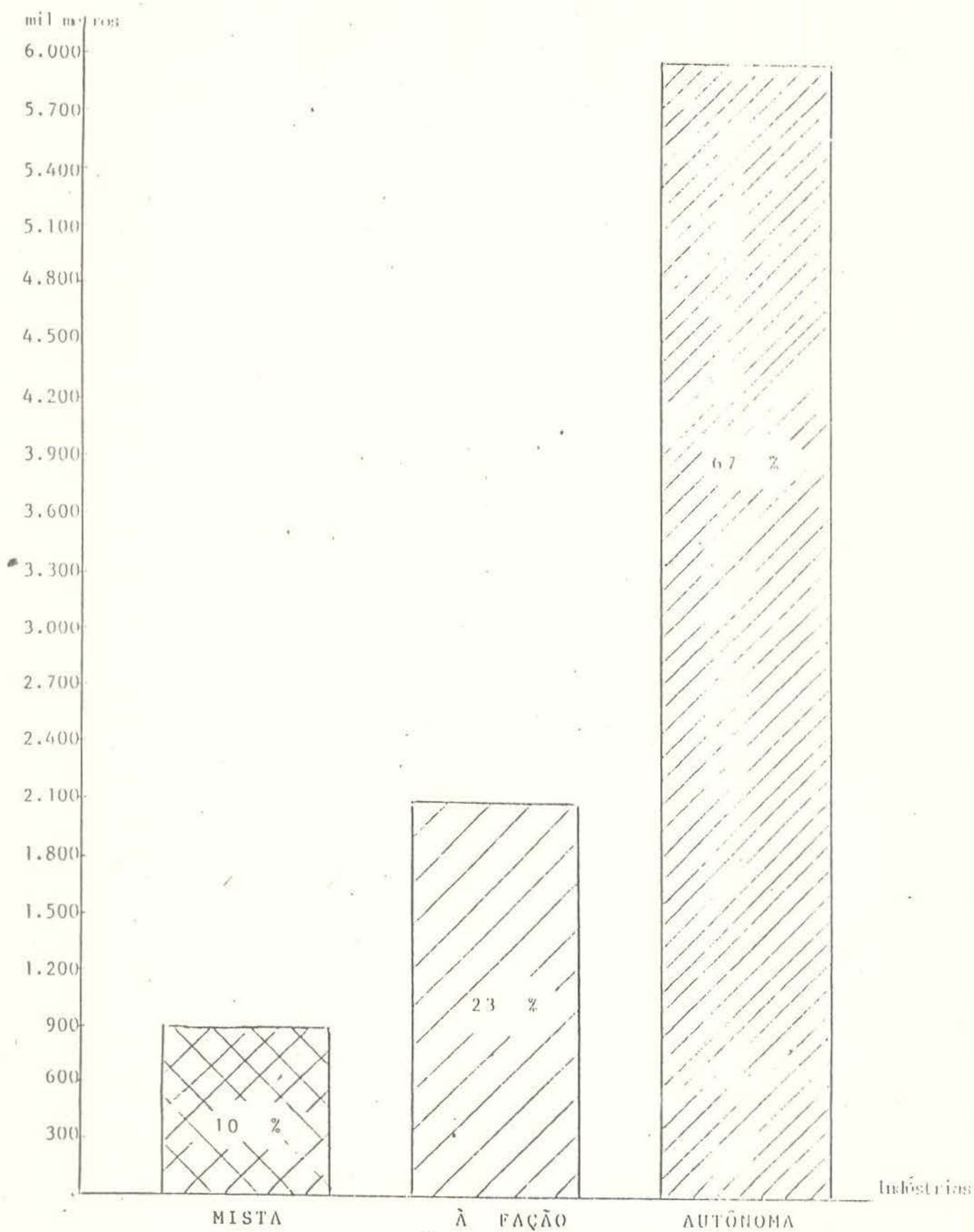
Existem aqueles que dispõem de completa preparação dos fios, acabamento e tecelagem; constituem na realidade grandes indústrias, como por exemplo a Moinho Santista S.A..

Esses levantamentos permitem esclarecer que, mediante a complexidade e volume do maquinário, acompanha o tamanho dos estabelecimentos. A qualidade do maquinário também interfere diretamente na qualidade do tecido produzido. As fações em sua maioria possuem teares mecânicos, enquanto as grandes indústrias autônomas e mistas possuem teares automáticos e de pinça.

Assim, apesar do grande (mais de 80%), número de estabelecimentos a fiação, 67% da produção vem das indústrias autônomas, enquan-

GRÁFICO 02

PRODUÇÃO MENSAL POR REGIME DE TRABALHO

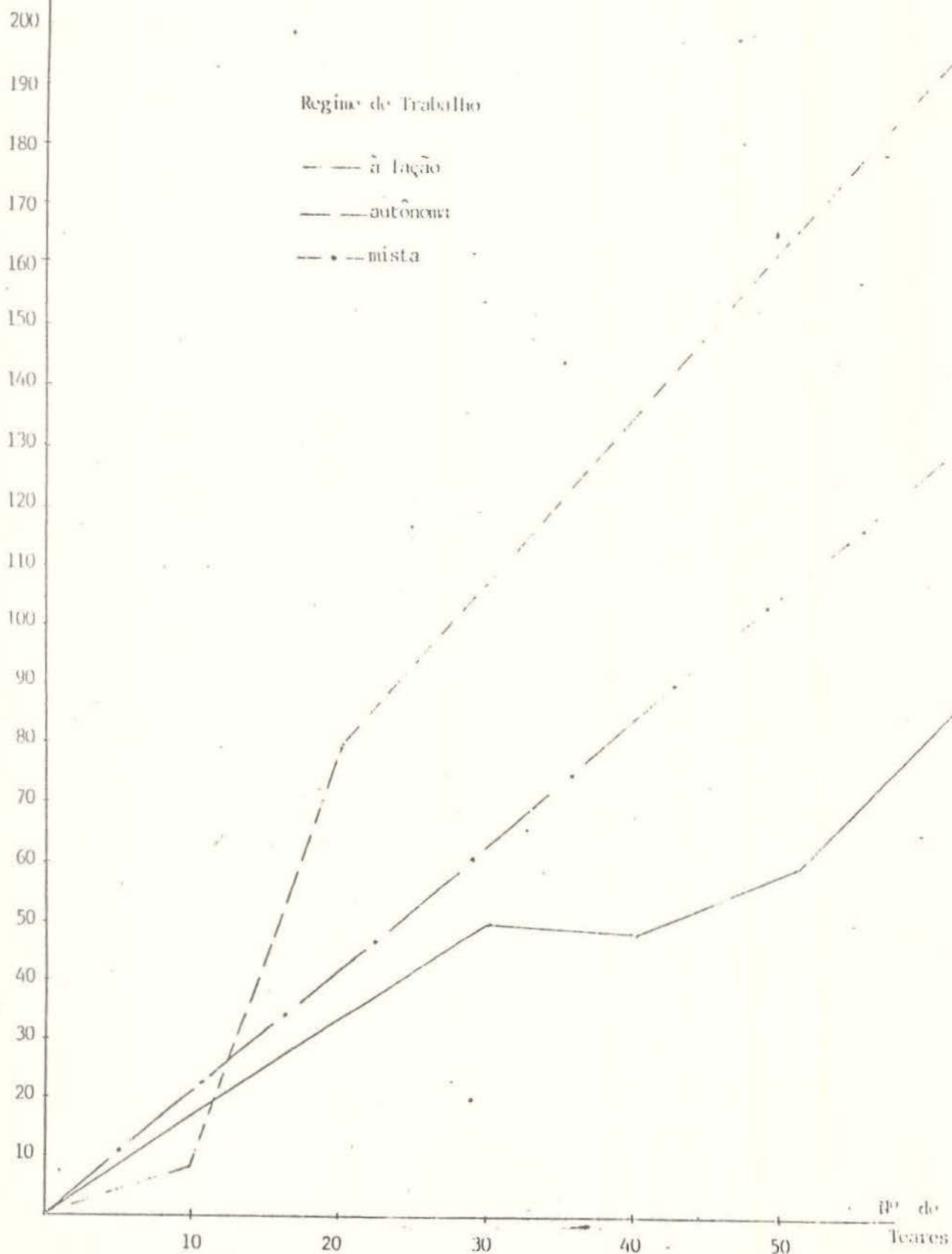


OBS: Dados de uma amostra de 22 % das tecelagens existentes em Americana

GRÁFICO 03

PRODUÇÃO POR QUANTIDADE DE TEARES (AUTOMÁTICOS)

produção mensal
mil metros



to 23% procede da fação e 10% das empresas mistas. - vide gráficos 2 e 3.

Outro fator importante que diferencia as indústrias é o fornecimento de matéria-prima e ao próprio escoamento da produção.

As fações recebem a matéria prima principalmente do próprio município e da região, frente ao fato de produzirem prioritariamente tecidos de fios artificiais e sintéticos. Americana é abastecida de produtos têxteis de indústrias faconistas, onde está seu grande mercado escoadouro, já as autônomas e mistas escoam sua produção para a grande São Paulo, para o Brasil em geral e mesmo para o exterior, onde Americana vem encontrando grandes mercados e facilidades de exportação, frente a política econômica do Governo Federal de estimular as exportações. O abastecimento de matéria-prima das autônomas dá-se no Brasil em geral, com grande confluência na própria região, pela utilização dos produtos semi-acabados vindo das fações. - vide anexo 4 e 5.

Procuramos, através desta suscinta análise, trazer a tona alguns aspectos do município e as características básicas de sua principal atividade, o setor têxtil.

Analisado o setor têxtil, passaremos a considerar a agricultura. A população rural perde acentuadamente sua expressão, chegando a ser irrelevante como mostra o quadro . Porém, esses dados podem trazer certa imprecisão , pois grande parte dos imóveis rurais, cadastrados no INCRA, encontram-se dentro do perímetro urbano do município: do total de 133 cadastrados em 1982, correspondendo a 4441,40 ha., apenas

GRÁFICO 04

FORNECEDORES DE MATÉRIA-PRIMA

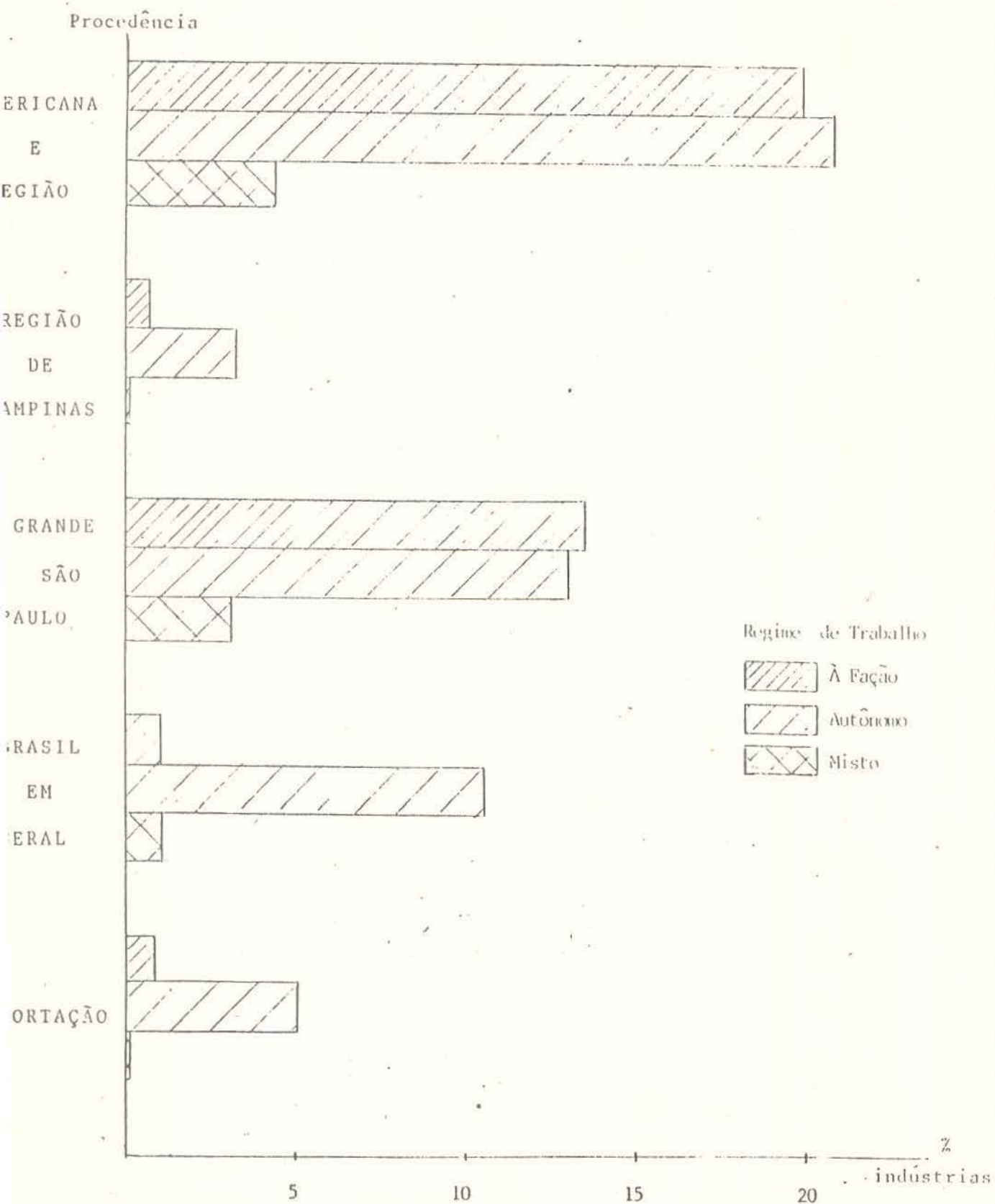
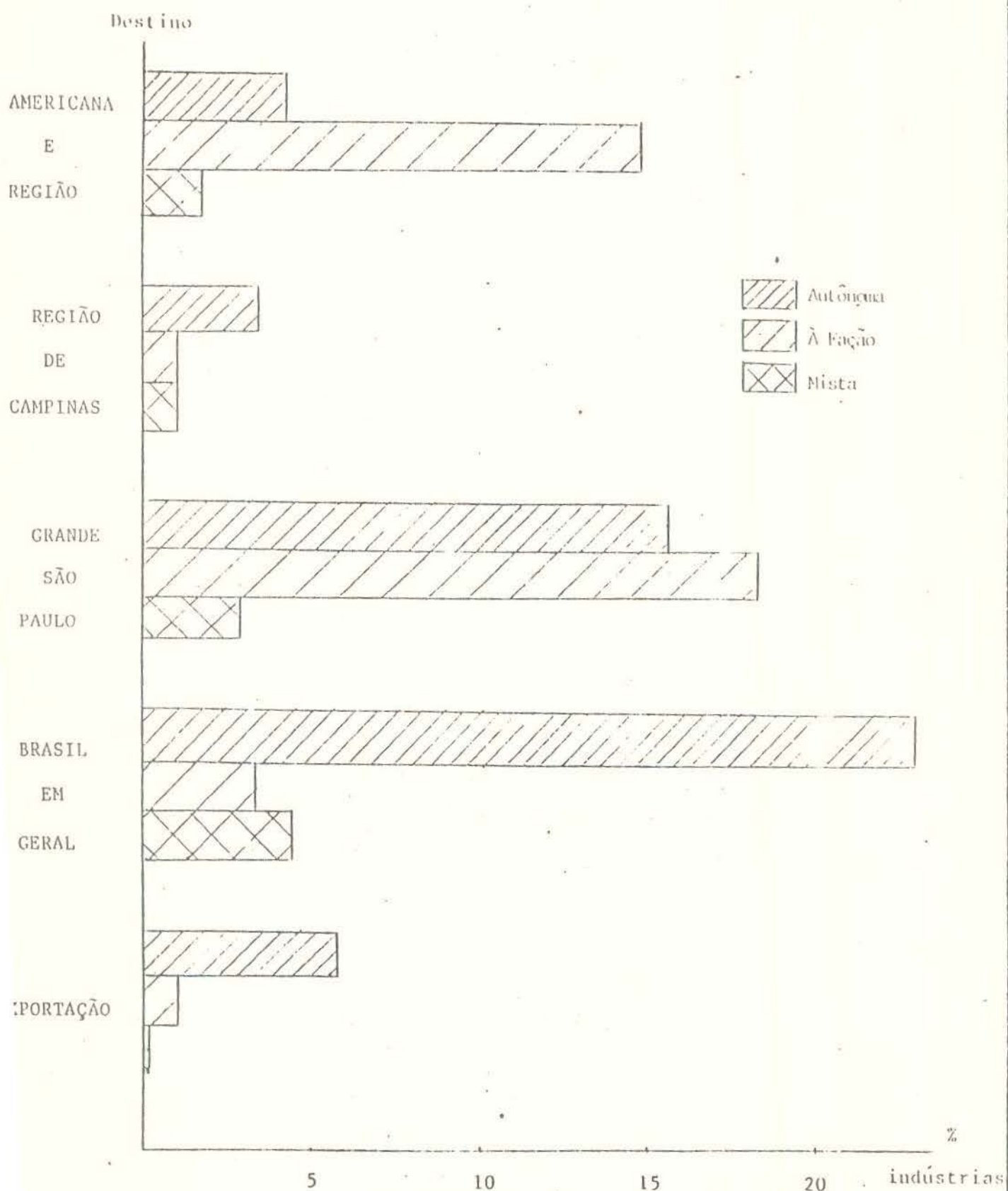


GRÁFICO 05
ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO



14% dessa área situa-se fora da delimitação urbana. Esta situação poderia de fato obscurecer a realidade se de fato tais propriedades "rurais", em geral na faixa de 5 a 20 ha, representassem produção agrícola significativa. Porém isto não acontece: mesmo o cultivo do algodão, que tanto significou na origem da atividade têxtil de Americana, é hoje irrelevante.

As principais culturas do município são milho (150 ha, 6000 sc) arroz (50ha, 200 sc) e feijão (60ha, 1.200 sc) - Dados referentes ao ano de 1985- Fonte Prefeitura Municipal de Americana -.

A população Rural na década de 70 decresceu a uma taxa de 23,9% a.a., enquanto a população urbana cresceu a quase 7%aa.

Quadro II.17

RELACÃO DOS IMÓVEIS CADASTRADOS NO INCRA, QUE SE LOCALIZAM NO PERIMÉ-
TRO URBANO DE AMERICANA _ 1982

ÁREA	Nº IMÓVEIS	ÁREA (HA)
até 5 ha	38	100,30
de 5 a 20	53	1.193,30
de 20 a 60	24	867,40
de 60 a 100	10	642,90
de 100 a 200	3	420,90
+ de 200 ha	5	1.216,60
TOTAL	133	4.441,40

Fonte: Ministério da Agricultura

INCRA - Sistema Nacional de Cadastro Rural. Relação para a Pre-
feitura Municipal de Americana - ITR - 1982

Desta forma o setor industrial predomina, envolvendo parcela significativa da população. O intenso crescimento industrial faz com que a população do município dobre na década de 70, passando de 66.000 habitantes para 122.000 em 1980.

Este crescimento deu-se prioritariamente no urbano, conformando uma taxa de urbanização de 99,8% em 1980.

Americana, na década, cresce mais que a própria região. Enquanto o município teve uma taxa de crescimento populacional de 6,3% a.a., no período de 1970 a 1980, a Região de Campinas cresceu a 4,4%a. Os fluxos migratórios, foram fator determinante neste crescimento. Grande número de pessoas deslocaram-se para o município em busca de novas oportunidades de emprego .

Entre 1970/1980 foram criados quase 4.000 novos postos de trabalho na indústria de transformação. Isto é 4.000 novos empregos diretos na indústria, sem contar o crescimento do comércio e dos serviços.

No quadro II.18 estão apresentados os dados sobre a PEA - População Economicamente Ativa - do município nos três setores de atividades:

Quadro II.18

PEA - AMERICANA - 1970 1980

SETORES	1970		1980	
	NA	%	NA	%
Primário	1.022	4,0	732	1,4
Secundário	16.402	62,5	32.941	61,0
Terciário	8.841	33,6	20.327	37,6
TOTAL	26.265	100,0	54.000	100,0

Fonte: Censo Demográfico.

Não de Obra - São Paulo 1970 e 1980

Quadro II.19

TAXA DE CRESCIMENTO REAL DA PEA 70/80

SETOR	%
Primário	-3,3
Secundário	7,2
Terciário	7,5

A população economicamente ativa do setor primário, como esperado, diminuiu, mas há de se verificar que apesar de inexpressivo o número de pessoal ocupado (732) ultrapassa o número de habitantes classificado como população rural (261), demonstrando mais uma vez que parte dos estabelecimentos rurais estão localizados dentro da malha urbana do município.

O setor secundário cresce expressivamente, a uma taxa geométrica de 7,7% a.a. entre 1970 e 1980, demonstrando o dinamismo que a indústria de transformação obteve no período. Ressalte-se o fato que percentualmente a PEA do setor secundário diminuiu, devido ao fato do setor terciário ter crescido a uma proporção maior, 8,7%a.a. As atividades do terciário crescem para atender a demanda causada pelo aumento da população, são bancos, comércio varejista e atacadista, setor imobiliário etc.

O município passa a contar com uma boa praça bancária, contando com agências de todos os grandes bancos, em número de 17, sendo que o total de depósitos à vista em dezembro de 1985 ultrapassou os CZ\$ 150.000.000 (dados da Prefeitura Municipal)

Americana cresceu. Conta atualmente com 1.743 postos de comércio cadastrados na Prefeitura e 1.696 postos de serviços (agências, construtoras etc.). O número de profissionais liberais (médicos, dentistas, advogados) já ultrapassou os 500.

Cresce as ligações elétricas industriais, as ligações de telefone e cresce a arrecadação do ICM. Mas toda esta modernização trouxe um caráter concentrador do ponto de vista da renda e sem maiores avanços sociais. Cresceu também a periferia, excludente dos benefícios desta "modernidade", e cresceram também os custos e pressões para ins-

tação de infra-estrutura. Este cenário torna difícil a atuação do poder público: transporte, saúde, educação, habitação etc, são problemas de uma periferia pobre que vislumbra ao seu redor ,um município moderno, urbano e industrial.

Tendo se processado esta análise do crescimento industrial e populacional que levou a um diferenciamento da estrutura econômica e urbana do município resta-nos saber dos impactos no setor público pra fazer frente a estas demandas sociais já citadas.

Para tal iremos proceder um breve estudo sobre as finanças públicas do município, para nos dar embasamento de discussão sobre a possibilidade ou não do atendimento das carências vividas.

Nos municípios, a cota-parte do ICM é o principal item de arrecadação das Receitas Orçamentárias Municipais. Procuraremos responder se a industrialização por que passou o município gerou aumentos suficientes na receita total, proporcionais as novas demandas de serviços públicos.

Quadro II.20

RECEITA ORÇAMENTÁRIA MUNICIPAL E COTA PARTE DO ICM

	ROM	Cota ICM	X
1970	33.601.125	19.680.802	55,60
1975	83.443.619	39.362.242	47,17
1980	83.699.061	58.551.684	69,96
1984	64.200.152	43.026.536	67,04

Fonte: Ref. Bibliográfica " Relatório Técnico sobre Industrialização e Finanças em 17 municípios selecionados - CETESB - 1986 " - Dados originais SEADE

Quadro II.21

TAXA GEOMÉTRICA DE CRESCIMENTO DA RECEITA ORÇAMENTÁRIA MUNICIPAL DO ICM (cota -parte)

	ROM	COTA- ICM
70/75	19,95	16,07
75/80	0,06	8,26
80/84	-6,41	-7,40
70/84	4,63	6,01

fonte: idem quadro II.20

Quadro II.22

RECEITA ORÇAMENTÁRIA MUNICIPAL POR HABITANTE

em cr\$ 1.000

	1970	1980	1984
Americana	506,68	686,04	412,34
Reg. Campinas	429,15	560,03	432,81
Campinas	647,84	502,53	391,07
Paulínia	2.080,79	2.593,70	1.602,92

Fonte: ídem quadro II.20

Como o ICM está estreitamente ligado a indústria e a Receita Orçamentária Municipal ao ICM, observa-se que as taxas geométricas de crescimento indicam o nível de atividade da economia estadual. No período de grande crescimento "Milagre" (70/75), as taxas eram altas, quase chegando a um crescimento real de 20% a.a.; a medida que a economia declina, as taxas declinam chegando a níveis negativos entre 80/84

O município no período compreendido da análise 1970/1984 teve o montante da Receita Orçamentária acrescido a uma taxa de 4,63 a.a. e a 6 % a.a. a cota parte do ICM. Se finalizássemos nossa análise por aqui, concluiríamos que o setor público municipal, teve ganhos significativos no período e portanto teria condições de atender as pressões de demandas sociais crescente.

Porém, este aumento da arrecadação das finanças públicas, ao deparar-se com o aumento populacional do período torna-se insuficiente, traduzindo-se em graves pressões sobre os gastos municipais.

A população de Americana entre 1970 e 1985 saltou de 66.316 hab. para 151.091, o que corresponde a uma taxa real de crescimento de 5,6% a.a., enquanto a Receita orçamentária do período cresceu a 4,6a. a., sendo que este crescimento deu-se principalmente nos anos de expansão econômica. Atualmente a realidade estampada nas finanças municipais é de declínio (vide tabela II.21, variação entre 1980/1984); porém a população cresceu, e continua vivendo no município, demandando e pressionando infra-estrutura, saúde, transporte etc.

A receita Orçamentária por habitante reflete bem esta constatação, entre 1970 e 1980, no período de grande crescimento econômico a relação cresce. Porém em 1984 chega a 412,3, valor menor que em 1970. Situação difícil para o poder público municipal; um município moderno, industrial, com mais de 150.000 hab, com uma base de arrecadação em 1984 menor que em 1970, quando iniciou-se o processo de industrialização acelerada. A Receita Orçamentária Municipal por Habitante de Americana que entre 70 e 80 era superior à da Região de Campinas, chega a 1984 com um índice menor, e muito inferior a municípios como Paulínia.

As demandas recentes sobre infra-estrutura (malha viária, transportes, saneamento etc) cresceram mais que proporcionalmente ao acréscimos de recursos.

A partir desta análise sumária, que nos trouxe a esta constatação, tomaremos por objeto de estudo no próximo item as demandas sociais advindas do processo de industrialização e urbanização acelerada por que passou o município de Americana.

PARTI III: URBANIZAÇÃO E DEMANDAS SOCIAIS
NO MUNICÍPIO DE AMERICANA.. 1970/1985

Para o estudo das demandas sociais do município de Americana, primeiramente tentaremos esboçar um quadro de sua população.

O município chegou a 1985 com uma população (estimativa do SEADE) de 151.091 habitantes. Considerando-se que a taxa de urbanização permaneça a mesma do censo de 1980 (99,8%), mais de 150.000 constituem população urbana.

Esta população é essencialmente jovem pois mais de um terço é menor de 19 anos. O grande crescimento populacional verificado, tem como forte componente os fluxos migratórios. Entre 70 e 80, aproximadamente 40% do componente de crescimento são as migrações. De acordo com uma pesquisa da Prefeitura Municipal de Americana, mais de 60% destes migrantes são do próprio estado de São Paulo e chegaram na década de 70, durante o período do "milagre", de grande crescimento econômico de aumento na oferta de empregos urbanos e do agravamento dos problemas no emprego rural.

A População Economicamente Ativa tem a faixa modal de renda entre 3 a 5 salários mínimos e 36,7% da PEA está incluída nesta faixa. Na faixa de 1 a 2 salários mínimos estão 31,05% da PEA.

Analisando pela Renda familiar, apenas 12,8% das famílias recebem até 2 salários-mínimos. Quase 50% das famílias possuem uma renda superior a cinco salários.

Quadro III.1

Indicadores de Rendimento Mensal da PEA
1980

RENDA	NA	%
0-1 SM	11.612	18,67
1-2 SM	19.310	31,05
2-5 SM	22.800	36,70
5-10SM	5.628	9,05
+ 10SM	2.829	4,53
TOTAL	62.179	100,00

Fonte: Tabulações especiais SEADE

Quadro III.2

Indicadores de Renda Familiar - 1980

RENDA	NA	%
0-2 SM	3.828	12,82
+ 5 SM	14.183	47,52

Fonte: Tabulações especiais SEADE

Este padrão de renda, confere ao município uma boa posição em alguns aspectos sociais como saúde, educação. Porém há o outro lado, 12,82% das famílias vivem com até dois salários mínimos, o que lhes confere um caráter de exclusão dos índices que a cidade apresenta e que serão analisados a seguir.

Em 1985 circulavam mais de 25.000 veículos no município, como o total de domicílios permanentes é menor que este número (um pouco mais de 22.000), há uma relação de mais de um veículo por domicílio (1,13). São 166,8 veículos por mil habitantes, relação maior que a da região de Campinas, que é de 144,9 veículos por mil habitantes. Este grande número de veículos automotores em um município de área central tão reduzida, acaba por trazer um grave problema do trânsito.

VARIACÃO E INTERNA ESTRUTURA

O mais grave problema social vivenciado por Americana é o setor habitacional, onde se estima um déficit de 10.000 domicílios. A população atual do município é estimada em 160.000 habitantes, para pouco mais de 22.000 domicílios cadastrados na Prefeitura, considerando-se uma média de 4 a 5 pessoas por família chega-se ao déficit estimado de 10.000 domicílios.

O problema habitacional é resultado de uma crise no setor a nível nacional, cabe ainda lembrar que o grande número de migrantes que para Americana se deslocou na década de 70, não foi acompanhado de um planejamento com o mesmo "entusiasmo" que se planejou a vinda das empresas...

Quadro III.3

Indicadores de Infra-Estrutura Domociliar

% de domicílios c/		% domicílios c/		% domicílios c/	
Rede geral água		Rede de Esgotos		Rede illum. elétrica	
1970	1980	1970	1980	1970	1980
85,4	90,9	67,8	85,3	91,4	96,4

Fonte: Tabulações especiais SEADE

Em 1980, 90% dos domicílios são servidos por rede geral de água e esta relação deve ter aumentado nos últimos anos, devendo estar próxima dos 100%. A captação de água é feita no Rio Piracicaba mas há um projeto, frente a grande poluição do Rio Piracicaba, de se passar a captar água do Rio Jaguari.

A água é tratada a base de floculação, decantação e filtração. Adiciona-se cloro e flúor na água. Produz-se 13.361.900 m³ de água e até 1985, haviam sido feitas 28.608 ligações.

O consumo de água é distribuído basicamente em : 80% residencial, 10% industrial e 10% comercial, escolar e municipal.

A área reduzida do município (102 km²) facilita o abastecimento. A área é dividida em setores, onde se localizam os reservatórios, e caso haja aumento da população em um ou outro setor, reforça-se o reservatório.

A situação operacional dos sistemas de esgotamento sanitário também é beneficiada pela pequena área municipal. 85,3% dos domicílios possuem rede geral de esgotos. No final de 1985, havia 27.375 ligações.

Atualmente está em construção a Estação de tratamento de Esgotos, que tratará o esgoto doméstico e industrial de maneira que a água despejada no Rio Piracicaba estará livre de toda carga poluidora. É um esforço para a despoluição do Rio Piracicaba que só surgirá efeito se seguido pelas demais cidades da região.

O consumo de energia elétrica também vem crescendo e quase 100% dos domicílios possuem rede de iluminação elétrica e quanto a iluminação pública, há atualmente 16.204 luminárias .

O consumo de energia elétrica dá-se basicamente na seguinte proporção: 80% é consumo industrial, 5% é consumo público e 15% é rural, comercial e residencial.

EDUCAÇÃO

Quadro III.4

Indicadores de Educação

Taxa de Analfabetismo		Nível Escolar		Nível Escolar
pop. maior de 10 anos		Elementar		de 1º Grau
1970	1980	1980		1980
12,1	10,0	43,9		12,3

Fonte : Tabulações SEADE

O setor educacional do município, está bem servido. Tem-se uma taxa de analfabetismo próximo à da região de Campinas. Quase metade da população tem nível escolar elementar, e um boa rede física de escolas.

Na rede física estadual há: 24 Escolas Estaduais de Primeiro e Segundo Grau, perfazendo o total de 30 escolas. O CEEEA (Centro Educacional Estadual Supletivo Americana) é uma iniciativa pioneira de supletivo estadual, atendendo alunos individualizados com problemas de horário (geralmente pessoas que fazem turnos nas fábricas). Há ainda a Escola Técnica Estadual de Americana, colégio de 2º Grau Profissionalizante, administrando os cursos de Secretariado, Assistente de Administração, edificações e mecânica.

A nível superior, o Estado arca recentemente com a Faculdade de Tecnologia Têxtil, curso implantado em 1986, cujo objetivo foi o de responder à necessidade de pessoal técnico especializado na área têxtil. O curso funciona nas dependências da Escola Técnica Estadual de Americana, e seu vestibular é realizado via VUNESP.

A Rede Estadual apresentava 27.029 matrículas em 1986, o que representa 3/4 do total de matrículas do município.

Quadro III.5

Matrículas na Rede Escolar

REDE	Nº MATR.	%
Estadual	27.029	75,1
Particular	6.083	17,0
Municipal	2.866	7,9
TOTAL	35.978	100,0

Fonte: Prefeitura Municipal Americana, dados ref 1986

Na Rede física municipal, a Prefeitura arca apenas com as escolas de educação infantil (EMEI). Há 25 destas em American, atendendo crianças em idade pré-escolar (5-6 anos). Quase a totalidade dos bairros é servida, e conforme a tabela, funcionando com quase 3.000 matrículas.

A rede física particular atende um percentual baixo de matrículas (17%), frente a estrutura de renda do município. Isto se deve, em grande parte, ao fato de que há apenas uma unidade escolar particular com tradição, geralmente os estudantes que possuem melhores condições financeiras deslocam-se para Campinas ou Piracicaba.

A nível superior, o município conta com a Faculdade Dom Bosco que ministra os cursos de Pedagogia, Serviço Social, Administração de Empresas e o curso técnico em Processamento de Dados.

A nível de atendimento infantil em creches, há uma em cada região do município, principalmente nos bairros carentes. São em número de 8 (oito), com 60 vagas cada, atendendo crianças de 3 meses a 5 anos de idade. Há assistência de uma pediatra, um psicólogo, um fonoaudiólogo e uma assistente social; atendendo crianças das 7 às 17 horas, com refeição. Além destas creches municipais, há três creches de outras instituições e uma fundação atendendo o município.

SAÚDE

São importantes indicadores das condições de vida e saúde da população o coeficiente de mortalidade infantil e a taxa de mortalidade infantil proporcional, que são bastante sensíveis as condições sócio-econômicas.

O município apresenta uma sensível melhora nestes indicadores. Em 1970, em cada 1.000 crianças 77 morriam antes de atingir a idade de um ano. Em 1980 diminui-se a marca para 32 crianças e chega-se a 1985 com uma taxa de mortalidade infantil de 25%, considerado um bom índice, por estar abaixo dos padrões estabelecidos pela Organização Mundial de Saúde (28%)

O mesmo pode se dizer da taxa de mortalidade infantil proporcional, que em 1980 era de 15,25%.

Quadro III.6

Indicadores de Saúde - Americana

	Taxa de Mortal. Infantil	Taxa de Mort. Inf. Prop.
1970	77,51	20,34
1980	31,64	15,25
1984	25,03	

Fonte. SEADE

Estes indicadores, apresentam taxas menores que a da Região de Campinas, que em 1980 tinha índices de 41,2% e chega em 1984 com 33,4%.

Esta diminuição do número de óbitos infantis está ligada a melhoria do sistema de água e esgoto, que diminui as doenças endêmicas e ao esforço da administração pública em estabelecer medidas de caráter preventivo, instalando Postos Médicos, e melhorando a Assistência Médica Hospitalar do município.

Americana conta com 2 hospitais particulares (Clínica São Lucas e Hospital São Francisco) e um infantil (Clínica André Luís). A Prefeitura mantém 10 Postos Médicos dispersos nos bairros mais carentes, de acordo com a densidade demográfica destes. Em 1.985 houve 60.320 atendimentos, formando uma média de 6.000 atendimentos por ano em cada Posto Médico.

Além destes Postos Médicos, há um Hospital Municipal, mantida pela Prefeitura, com 100 leitos, porém com um nível de utilização atual que não passa dos 50%. O número de leitos (gerais) do município é de 3,1 por mil habitantes, taxa igual a do estado de São Paulo e um pouco superior a da Região de Campinas que é de 3,0 por mil habitantes. Porém esta proporção tem diminuído. Em 1980 era 4,4, o que indica uma deteriorização no atendimento básico da população, e uma necessidade de investimento no setor.

TRANSPORTES PÚBLICOS

Quanto ao transporte urbano, o município conta com 2 empresas responsáveis pelo transporte coletivo: A AVA (Auto Viação Americana) e a Ouro Verde.

A AVA possui 28 veículos e nove linhas. A Ouro Verde possui 23 veículos e 11 linhas. Totalizam-se 51 ônibus, 14 monoblocos, 33 encarroçados e 04 articulados.

A média de passageiros por mês (estimativa de 1986) é de 1.414.888, média esta que vem subindo ano a ano sem o correspondente aumento de frota. Há uma média de 23.000 viagens por mês e o preço da tarifa é controlado por uma Comissão da Prefeitura.

A Estação Rodovária Tiradentes tem 13 empresas permissionárias que lá atuam. Está em processamento a construção de uma nova Rodoviária no município.

A pequena área do município, faz com que não haja grandes reclamações a respeito do transporte. As linhas não são muito extensas, com exceção da Vila Antonio Zanaga, que atravessa a Via Anhanguera.

CONCLUSÃO

Americana é um município que se expandiu principalmente a partir da década de 70. Para uma área territorial pequena (102 km²) possui mais de 150.000 habitantes, de uma população essencialmente urbana.

Sua característica de município industrial, principalmente do Ramo Têxtil, possibilitou uma grande absorção de novos postos de trabalho, frente ao seu crescimento industrial, atraindo um grande contingente migratório.

O setor público neste período de grande crescimento, não acompanhou o crescimento acelerado do município com um planejamento urbano e social integrado.

Com a diminuição do ritmo de crescimento econômico, desacelerou-se o crescimento industrial e a arrecadação das finanças públicas. Porém a população cresceu e com ela novas pressões de demandas sociais.

Comparativamente a outros municípios, Americana ainda comporta bons indicadores sociais, para o padrão brasileiro, mas estes podem ser melhorados com planejamento e direcionamento de prioridades

para o aspecto social. As discussões sobre a implementação de um novo Distrito Industrial no município, devem ser encaradas com cautela, frente as demandas sociais ainda a serem resolvidas. Colocamos que não temos uma postura anti-industrializante, mas sim adeptos de um estudo detalhado das relações custos/benefícios, e de um planejamento integrado urbano e social .

O setor habitacional, o grande problema do município, parece não ser um problema local, mas fruto de uma temática parecida de crescimento acelerado no estado e principalmente no interior de São Paulo. Exige-se um ataque ao problema, integrando os municípios da Região na discussão: construindo conjuntos Residenciais próximos do Centro,, para diminuir os custos de infra estrutura. Os 22.000 terrenos vagos existentes, deveriam passar por uma taxaço de IPTU progressivo, para facilitar e estimular investimentos em construção.

Saúde e Educação devem continuar sendo tratados como essenciais, e na questão do transporte público, dever-se-ia levar à sociedade a discussão sobre a municipalização do transporte público, para a melhoria do nível de atendimento à população. O problema da água, deveria ser tratado de modo conjunto com os demais municípios da região, para que o tratamento de esgotos chegasse a toda confluência do Rio Piracicaba, garantindo assim água para estes.

Outro problema a ser tratado pelo poder público é a questão do meio-ambiente. O ar em Americana possui uma péssima qualidade e o nível de barulho das fábricas é grande.

Deste modo, através deste trabalho, acreditamos ter discutido o processo de crescimento do município, onde e por que cresceu, e as consequências deste crescimento: as demandas sociais.

PARTE IV : BIBLIOGRAFIA

CATALOGAÇÃO E DESCRIÇÃO SUMÁRIA DAS LEITURAS EFETUADAS

1) CATALOGAÇÃO E DESCRIÇÃO SUMÁRIA DAS LEITURAS EFETUADAS

1) MELLO, João Manuel Cardoso de: O Capitalismo Iardio, 4a ed. (São Paulo, 1986, ed, brasiliense)

A industrialização como processo de endogeneização do capital (formação do DI) . No Brasil isto ocorre quando o capitalismo a nível mundial já era dominante. A indústria tem de nascer grande. Análise do nascimento e consolidação do capital industrial entre 1888/1932: acumulação cafeeira.

2) CANO, Wilson: Raízes da Concentração Industrial em São Paulo, 2a edição (São Paulo, 1981, Ta Queiroz ed)

Análise a partir do complexo cafeeiro, que insere na dinâmica de São Paulo: uma agricultura mercantil diversificada, mercado interno, relações capitalistas de produção e acumulação de capital. fatores estes que levam a liderança do estado. discussão do processo de concentração industrial a nível espacial e de empresas.

3) CANO, Wilson: Desequilíbrios Regionais e Concentração Industrial no Brasil, 2a ed. (Campinas, ed. da Universidade Estadual de Campinas)

Concentração espacial da industrialização no estado de São Paulo, e o aumento de sua preponderância ao longo do desenvolvimento do País, partindo da análise do livro anterior. O autor defende que não houve "exploração" por São Paulo das outras regiões. Coloca o problema da questão social que agravou-se bem mais.

4)TAVARES, Maria da Conceição: Acumulação de Capital e Industrialização no Brasil, 2a ed, 1974, Rio de Janeiro, Universidade Federal (Tese de livre-docência)

O Estado como peça chave no desenvolvimento dos países de industrialização tardia. Análise da expansão 56/62 e da desaceleração da década de 60. Tal discussão dá-se à nível setorial (bens de produção, bens de consumo durável e bens de consumo não durável).

5)SERRA, José: Ciclos e Mudanças Estruturais na Economia Brasileira no Pós-Guerra in Belluzzo, L. G. e Coutinho, R. (orgs)

"Desenvolvimento Capitalista no Brasil, n.º 1, São paulo, Ed. Brasiliense, 1982.

Análise dos ciclos capitalistas brasileiros: O crescimento até 1962 (questão do Estado no Plano de Metas); Desaceleração 62/67 (conclusão do pacote de investimentos); Milagre 67/73 (crescimento dos bens de consumo durável e bens de capital); Desaceleração 73/80. Enfatiza-se que apesar dos ciclos, há manutenção da taxa histórica de crescimento: aproximadamente 7% aa.

6)LESSA, Carlos: Quinze anos de Política Econômica: Campinas, Unicamp, IFCH/DEPE, s.d.

Descrição e análise do Plano de Metas. A formação do tripé: capital estrangeiro, Estado e capital nacional. Política econômica do período. Discute a instabilidade e o Plano Trienal no período 60/63.

7) NEGRI, Barjas; GONÇALVES, Flora; CAND, Wilson: O Processo de Interiorização do Desenvolvimento e da Urbanização no Estado de São Paulo (1920-1980): Documento 1/B da pesquisa do grupo de economia urbana - UNICAMP - 1987

Impacto do desenvolvimento industrial no estado de São Paulo, com análise por regiões administrativas: Indústria, agricultura, população, PEA. Urbanização dinâmica do processo industrial no interior paulista.

8) CAND, Wilson: Subsídios Para a Reformulação das Políticas de Descentralização Industrial e de Urbanização no Estado de São Paulo Documento 2/B, 1987.

O Interior paulista, industrializa-se e urbaniza-se, com atraso em relação a metrópole, ganhando novos problemas de ordem social, semelhantes aos problemas que antes eram exclusividade da metrópole paulista. A partir disto, o autor faz sugestões de políticas a nível nacional, estadual e municipal.

9) NEGRI, Barjas, CAND, Wilson: A Interiorização da Indústria Paulista nos anos 70: texto apresentado na ANPEC, em dez de 1987.

A questão da concentração industrial em São Paulo, e a evolução do desenvolvimento do Interior paulista que em 1970, concentrava 1/5 do PIB brasileiro. Destaca a presença do Estado nesta "descentralização" da indústria paulista.

10) Fundação SEADE: Características gerais do Processo de Industrialização Paulista: Texto SEADE, 1987.

Crescimento da indústria e da agricultura paulista em uma análise regionalizada. Ênfase no processo de interiorização da indústria, da agroindústria e de sua agricultura capitalizada e diversificada.

11) CIDADE, Ulysses; GONÇALVES, Flora: Campinas - Segunda Metrópole Paulista: 1987, UNICAMP.

Processo de metropolização na região de Campinas e seu grande desenvolvimento no processo industrial. Em 1980 a região possuía 15% do VTI do estado de São Paulo, ficando abaixo apenas do Rio de Janeiro (exclusive São Paulo).

12) As Nossas Riquezas - Município de Villa Americana - Est. Graf. Irmãos Ferraz - 1930

Descrição da situação de infra-estrutura do município até 1928, e a história da 1ª fábrica de tecidos de Americana: Fábrica de tecidos CARIOBA.

13) BRYAN, Abílio Serra (org.) - História de Americana, mimeo, biblioteca municipal de Americana.

Reconstrói a história do município, desde o surgimento do aglomerado, por volta de 1880 com a vinda dos americanos, até a transformação do município em grande produtora têxtil do estado.

14) BIANCO, Jessyr (org.) Edição Histórica de Americana, ed. Foucs, 1973 - São Paulo.

Reconstrói a história do município, dá as características atuais (1973) e descreve as principais indústrias da cidade, por atividade, e data da fundação.

15) PIETZSCHKE, Brigitte Maria V. L.: Carioba - mimeo, 1982, Biblioteca Municipal de Americana.

Narra a vinda e a vida da família Muller para a Villa dos Americanos em 1902, quando compraram a firma Carioba, a 1ª fábrica têxtil do município, que impulsionou o desenvolvimento no ramo.

16) LINARDI, Maria Cecília Nogueira, A Produção do Espaço físico de Americana: tese de mestrado apresentada em 1982 na Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Discute o processo de formação industrial do município, a indústria têxtil e a atividade faconista, por uma ótica de mudanças no arranjo do espaço físico, conforme a evolução e o crescimento do município. A urbanização crescente respondendo a reprodução do capital. Relação entre urbanização e industrialização.

17) Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado - AMERICANA 1972, Prefeitura Municipal de Americana.

Análise das atividades econômicas do município (principalmente a têxtil) e dos problemas sociais (habitação, educação, educação, saúde, recreação), para apresentar metas de arranjo urbano e social.

18) *Características Gerais do Processo de Industrialização*
Paulista, SEADE, 1988

19) *Industrialização, Urbanização e Receita Documentária de*
12 municípios selecionados da Região de Campinas- 1970/1984, 1986, CE-
TESB- Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental.